

A CONTRIBUIÇÃO PEDAGÓGICA DE BOÉCIO PARA O ENSINO DA FILOSOFIA: Uma análise de “A Consolação da Filosofia”

*Profa. Ma. Elenir Cardoso Figueiredo**
Renan Silva Veras†

RESUMO

Este artigo intenta examinar os principais aspectos do pensamento de Boécio e, indicar através deles, noções pedagógicas que são traduzidas na transmissão dos conhecimentos. Considerando o contexto da Idade Média, tempo e espaço desse teórico, percebeu-se que o seu interesse pelos estudos, dirigido por notáveis mestres da época, muito concorreu para o desenvolvimento metódico da educação nascente: a escolástica. O projeto boeciano era o de reintroduzir a utilidade da razão como via originária do pensamento, o intelecto para se defrontar com o processo de ensino e a aprendizagem na perspectiva racional, em detrimento da estética doutrinal em voga. No entanto, essa cooperação ultrapassa o medievo, ao passo em que, ao analisar-se o presente do ensino da filosofia, pode-se identificar claramente a adesão aos seus procedimentos, tais como: da delimitação hierárquica do

* Possui graduação em Licenciatura Plena em Filosofia pela Universidade Federal do Piauí (1988), graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Federal do Piauí (1996) e mestrado em Mestrado em Educação - Universidad Evangélica del Paraguay (2010). Atualmente é professora do Instituto de Ensino Superior Múltiplo, professora do Instituto Católico Superior do Piauí, e pedagoga no Centro Universitário UNINOVAFAPI. E-mail: figueiredoelenir030@gmail.com.

† Acadêmico do Curso de Licenciatura em Filosofia, no Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí (ICESPI). E-mail: renan111200@hotmail.com.

conhecimento, ou seja, diferenciar aquilo referente a filosofia teórica ou especulativa e da prática ou ativa.

PALAVRAS-CHAVE: Boécio. Filosofia. Educação. Conhecimento. Ensino.

ABSTRACT

This article intends to examine the main aspects of Boécio's thought and, through them, indicate pedagogical notions that are translated in the transmission of knowledge. Considering the context of the Middle Age, time and space of this theorist, it was noticed that his interest in studies, directed by notable masters of the time, greatly contributed to the methodical development of nascent education: scholasticism. The Boecian project was to reintroduce the usefulness of reason as an original way of thinking, the intellect to face the process of teaching and learning from a rational perspective, to the detriment of the doctrinal aesthetics in vogue. However, this cooperation goes beyond the medieval, whereas, when analyzing the gift of teaching philosophy, one can clearly identify adherence to its procedures, such as: the hierarchical delimitation of knowledge, that is, differentiate the referring to theoretical or speculative philosophy and practical or active philosophy.

KEYWORDS: Boecio. Philosophy. Education. Knowledge. Teaching.

INTRODUÇÃO

O intuito deste artigo é apresentar algumas questões acerca do ensino da filosofia de acordo com Severino Boécio. Tem-se como base a obra “A Consolação da Filosofia”, cuja leitura foi voltada para o recorte teórico daquilo que remetesse às ideias da prática pedagógica, ou seja, à maneira de ensinar segundo esse pensador. Para tanto, será adotada a metodologia bibliográfica em vista da exploração desse tema indiretamente aprimorado pelo autor.

Boécio era romano, casado, poeta, homem do Estado e de nobre estirpe. Instruído já na adolescência, dedicou-se ao estudo da literatura, ciência, música e outros campos. Possuía uma biblioteca particular, impulsionando-o na dedicação às leituras que fazia, principalmente dos escritos de Platão e Aristóteles, à proporção de ser considerado o mediador entre o legado grego e as nascentes escolas do medievo.

Na conjuntura do nosso sábio, pensar o ensino era uma tarefa exclusiva da Igreja Católica, instituição que regulava a prática cultural e educativa, aspirando a sua hegemonia religiosa. Infelizmente, pouco se sabe sobre como os passos didáticos eram dados, mas conta-se que a instrução do indivíduo era começada na infância e cabia aos pais o repasse dos acanhados conhecimentos em língua latina.

Destarte, a Idade Média dispôs basicamente das catedrais e mosteiros para a difusão do saber. Vale, porém, distinguir duas tendências que surgem aqui: a educação patrística, orientada para a propagação racional da religião, e a escolástica, predominante nas escolas e cujo afincamento estava na promoção de uma investigação filosófico-teológica, sendo essa a vertente donde Boécio provém.

Ele projetou um sistema que permitisse um desenvolvimento de ensino e aprendizagem calcado em três fundamentos que envolveriam a problemática do conhecimento, são eles: o pedagógico, educacional e didático. Desse modo, reafirmando o viés instrutivo de sua produção, Boécio aponta para o aproveitamento da filosofia, considerando a sua importância na construção do saber.

Deixou aos pósteros um rico depósito de termos e fórmulas, que serviram para estimular, sempre de novo, o pensamento especulativo. O ideal científico, delineado em sua obra, irá inspirar e orientar, de contínuo, os esforços dos filósofos medievais em demanda de sua realização (BOEHNER; GILSON, 1970, p.222).

Assim, este texto é um aceno para uma análise pedagógica de Boécio, ressaltando o que de concreto ele deixou para os educadores medievais e os de nosso tempo, a partir da verificação dos seguintes pontos em “A Consolação da Filosofia”: da manutenção da razão como via para o conhecimento, isto é, da percepção de defrontar os

processos de ensino e aprendizagem mediante o exercício racional, em detrimento da síntese doutrinal.

1. A CONSOLAÇÃO DA FILOSOFIA

Boécio escreve “A Consolação da Filosofia” no contexto terminal de sua vida: preso numa cadeia e marcado para morrer. Composta por cinco livros, esta obra de cunho literário alterna verso e prosa. O eixo central dessa produção está no desafio de se compreender o verdadeiro sentido da felicidade; por isso, as discussões que nela decorrem são todas presididas pela sua mestra, quer dizer, a filosofia. Nota-se que em todo o enredo, a dama que figura a filosofia se dispõe como um canal entre o saber e aquele que o deseja.

No primeiro livro, Boécio não camufla a indignação com o infortúnio que o domina; neste instante de prantos, a filosofia vem ao seu encontro personificada numa bela moça onde, através do diálogo, quer mostrar ao prisioneiro o que o mesmo parece ter esquecido: qual é a natureza humana e qual o verdadeiro fim dos homens. Por ora, o protagonista da situação estava imerso num estado de lamento que dramatiza a narração. Agindo prudente e indiferentemente ante esse desgosto, a dona não se limita em consolá-lo com respostas dogmáticas, mas transmite suas refutações com vistas para que a sua mente firme a verdade. Posto isso, de antemão, percebe-se que o

propósito da mestra era o de conduzir o seu discípulo para consciência do propósito de sua existência e que passasse a vivê-lo.

Portanto não é de surpreender se neste oceano da vida somos perturbados por muitas tempestades, principalmente se desejamos afastar-nos dos homens maus. E seu número, embora grande, deve, no entanto, ser desprezado, pois eles não têm guia algum que os dirija e ficam na ignorância, que os deixa ao capricho da Fortuna (BOÉCIO, livro I, cap. VI, § III).

Ora, o objetivo da educação também comunga com esse da dama. O entendimento primeiro a respeito das estruturas de ensino em geral, deve ser aquele que aponte caminhos para o indivíduo, um meio que integre a miscigenação, as aspirações particulares num universo de saberes que os una reiteradamente. Não se é possível demarcar as fronteiras da literatura com o texto filosófico, mas é flagrante que no primeiro momento, na zina daquela lamúria, com o aparecimento da imponente mulher, é inaugurada em nosso sábio uma experiência de autoconhecimento, por intermédio da recordação ou reminiscência, o que alude ao sistema socrático.

Desta maneira, entre prosas e versos, a obra de Boécio vem a ser um convite para que todos possam se aproximar da filosofia, a qual é a única capaz de libertar o prisioneiro, fazendo-o reconhecer o verdadeiro fim do ser humano.

Através da reflexão, o prisioneiro é levado a compreender o valor da condução da vida prática, indo ao encontro da compreensão do que seja a verdadeira felicidade humana, questão esta que também tem destaque em sua obra. (NASCIMENTO, 2016, p.70).

Logo, distanciando o conceito contemporâneo do termo pedagogia, tem-se um significado aplicado, ou melhor, passa-se a vê-la como a ciência que proporcionará averiguar tecnicamente as várias formas de transmissão do conhecimento e seus métodos, mas como uma prática que se importava em apontar para o homem caminhos que se pudessem aprender a viver. Nessa perspectiva sistemática de se filosofar, não seria ousado considerar Boécio como aquele que ineditamente lhe concebe um caráter sério e científico; quanto ao livro, pode-se tomá-lo como influxo da maneira que se deve fazer quaisquer investigação.

O segundo livro revela a verdadeira face da fortuna para justificar o fato de os homens buscarem naturalmente a felicidade. Por isso, a dama demonstra que aquilo que é material, em nada concebem o estado almejado de felicidade, mas o aponta para a efetiva razão de alegria: o encontro com o sumo bem, o uno, aquele que é Deus. A respeito do quarto e quinto conjunto da obra, ambos são dedicados a tratar da problemática do mal, da onipotência divina e do livre arbítrio.

Vós combateis numa batalha – e quão árdua é a batalha! – contra toda forma de Fortuna para impedi-la de vos desmoralizar, se ela vos for adversa, ou de vos querer corromper, se vos sorrir. Mantende-vos no meio! Para além ou para aquém dessa linha média encontra-se o desprezo da felicidade e não a recompensa do esforço. Depende apenas de vós dar à Fortuna a forma que desejais (BOÉCIO, livro IV, cap. XIII, § I)

Assimila-se, portanto, que a era medieval não esteve indiferente no tocante a finalidade do ensino; a produção que reporta esta época, abrange fecundamente as questões que envolvem os limites humanos, salientando a importância de Boécio na empreitada de transmitir conhecimento pela via clássica dos gregos, a fim de clarear e possibilitar a cognição daqueles bárbaros que constituíam a cidade de Roma. Esse interesse, antes de valorá-lo como um projeto de aliança entre fé e razão, deve ser visto como uma das primeiras atitudes que partem do educador nesse capítulo da história, o da Escolástica. Logo, Boécio encarna a preocupação daquele docente que procura inculcar novas realidades a um povo forasteiro.

2. A EDUCAÇÃO ESCOLÁSTICA

Boécio inaugurou um novo modelo educacional que perduraria por quase um milênio, até quando do surgimento do Renascimento. Trata-se da Escolástica, uma vertente que pretendia conectar filosofia e teologia no intuito de difundir a cultura. Foram criadas escolas neste

formato, cujo espaço contemplava as catedrais, mosteiros ou próprio palácio do rei, e contava com o trabalho intelectual dos monges ou de notáveis sábios, por exemplo, o inglês Alcuíno de York.

A base curricular da Idade Média era composta pelas Sete Artes Liberais, o Trivium (gramática, retórica e dialética) e o Quadrivium (aritmética, música, geometria e astronomia), compreendendo desde o conhecimento até aquilo que decorrente da razão. Esse ideal explica o porquê de os pensadores desse período darem às palavras um poder de readquirir a experiência da reflexão filosófica. Porém, ao passo da introdução desse novo sistema de ensino, a Igreja viu-se ameaçada diante da admissão ao pensamento de muitos sábios, a começar por Aristóteles, cuja teoria foi ganhando noções panteístas que podem ser justificadas a partir do dilema das traduções.

A Escolástica é a mais alta expressão da filosofia cristã medieval. Desenvolveu-se desde o século IX, alcançou o apogeu no século XIII e começo do XIV, quando seguiu em decadência até o Renascimento. Chama-se Escolástica por ser a filosofia ensinada nas escolas. Scholasticus era o professor das artes liberais e mais tarde também o professor de filosofia e teologia, oficialmente chamado magister (ARANHA, 2006, p. 179).

O método escolástico integra a prática da leitura (lectio), cuja execução se dava através de comentários, quer dizer, era uma lida

interpretativa, explicativa e crítica dos textos oferecidos. O educador, por sua vez, ao mediar os comentários, acabava suscitando questões as quais eram convertidas em pautas de discussão pública, alvo de debate no antro acadêmico, envolvendo as classes docente e discente. Assim acontecia: o problema era anunciado e logo eram dados os argumentos contra ele, procedidos pela defesa, os argumentos favoráveis. Ao fim, cabia ao mestre o dever de elucidar a discursão (disputatio), a forma dialética da escolástica.

A pedagogia não se resume a um curso, antes, a um vasto campo de conhecimentos, cuja natureza constitutiva é a teoria e a prática da educação ou a teoria e a prática da formação humana. Assim, o objeto próprio da ciência pedagógica é o estudo e a reflexão sistemática sobre o fenômeno educativo, sobre as práticas educativas em todas as suas dimensões (LIBÂNEO, 2006).

Destarte, não obstante a sua relevante contribuição, são identificados alguns aspectos julgados negativos e motivadores para o declínio da Escolástica. Primeiramente, os seus adeptos não procuravam inovar em conteúdo, ou seja, buscar novas verdades, aprimorar conceitos ou inaugurar doutrinas diferentes. Na verdade, o objetivo era o de somente compreender a verdade. Associando os fatores mencionados, o declínio do escolasticismo é fomentado pela onda protestante que assolava o ocidente europeu, onde os grupos denunciavam uma estagnação na formação moral do povo.

3. BOÉCIO E AS SETE ARTES LIBERAIS

Durante a Idade Média, adotaram as Artes Clássicas como modelo educacional a ser desempenhado nas escolas monásticas e episcopais da época, dispondo da seguinte orientação curricular: três disciplinas de cunho literário e filosófico como a gramática, a retórica e a lógica/dialética, esta última como única expoente da filosofia no ensino durante séculos; e as quatro artes científicas, aritmética, geometria, astronomia e música. Vale enfatizar o legado cultural greco-romano, de quem procede esse legado.

O Trivium tinha por objeto ensinar à mente a própria mente, isto é, as leis às quais obedece ao pensar e expressar seu pensamento, e, reciprocamente, as regras às quais deve sujeitar-se para pensar e expressar-se corretamente. Esse triplo ensino é, pois, totalmente formal. Manipula unicamente as formas gerais do raciocínio, abstração feita de sua aplicação às coisas. O Quadrivium, pelo contrário, era um conjunto de conhecimentos relacionados com as coisas. Seu papel era tornar conhecidas às realidades externas e suas leis, leis dos números, leis do espaço, leis dos astros, leis dos sons. (DURKHEIM, 1995, p. 52).

O próprio nome, “Artes Liberais”, convoca o indivíduo a libertar-se das amarras da ignorância, etimologicamente traduzida assim: *téchné* (habilidades, práticas), “Liberais” porque são vias que permitem aos homens evitar o erro. Até mesmo a numeração é

significativa, são sete uma vez que aludem a quantidade das petições do Pai-nosso, dos Dons do Espírito Santo, dos sacramentos, das virtudes, dos pilares da sabedoria e da quantidade de céus.

É consensual entre os educadores, inclusive Boécio, considerar que por meio dessa estratégia, o estudo e conhecimento seriam aderidos como o modo de se exercer a humanidade. Esse processo, por sua vez, é principiado pela convivência estabelecida socialmente, mas é carente da utilização do intelecto para que tenha noção uma coexistência nesse determinado grupo. Esta relação entre razão individual e sociedade nos remete ao papel atualmente atribuído à educação: a responsabilidade de formar cidadãos e transformar a sociedade.

4. A DIDÁTICA NA IDADE MÉDIA

O êxito na colaboração de Boécio para com o ensino da filosofia está intimamente associado ao aparato didático que possuía. Proprietário de uma biblioteca que contava com um imenso acervo livresco, nosso teórico tomará o livro medieval e dele extrairá e compilará na condição manuscrita e impressa, versando poemas, crônicas, obras lógicas e a última e mais célebre, a Consolação da Filosofia. Portanto, Boécio é tanto beneficiário como favorecedor da cultura do livro, herança de um importante momento de formação dos novos tempos.

A tradição textual engatou um processo de construção do produto cultural, quer dizer, alicerçou os parâmetros do comportamento social no medievo. Não se é possível discernir qual seria a utilidade primeira do material didático no contexto educacional da Idade Média, mas é certo garantir que era um elemento que fazia parte da estrutura interativa da sociedade e que se manteve através de retransmissões e práticas sociais e que foram mantidos por formações culturais e comunicações institucionais. Hoje, como pósteros do laborioso esforço de educadores como Boécio, torna-se inverossímil não considerar o legado mediévico no tocante ao progresso linguístico ocorrido no ocidente e, mais precisamente, de um modo tardio nas américas.

Uma terça parte da população mundial, isto é, 2 bilhões de pessoas pensam e se exprimem com instrumentos linguísticos forjados na Idade Média. De fato, ao lado do latim legado pela Antiguidade – e durante a Idade Média empregado nos ofícios religiosos, nas atividades intelectuais e na administração, mas língua morta no sentido de não ser mais língua materna de ninguém –, no século VIII nasceram os idiomas chamados de vulgares, falados cotidianamente por todos, mesmo pelos clérigos. Correndo o risco de simplificar em demasia um processo longo e complexo, podemos dizer que aqueles idiomas se formaram da interpenetração – em proporção diferente a cada caso – do celta, do latim e do germânico (FRANCO JUNIOR, 2004, p. 158).

O conteúdo pedagógico na era boeciana, esteve relacionado aos fenômenos econômicos, aos processos políticos e sociais. Infelizmente, quando se confere os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais), acha-se pouca referência no tocante à Idade Média, a começar pelo ensino de sua história. Segundo Cambi (1999, p. 173), já nos localizamos longe deste capítulo marcado pelo feudalismo, mas que é ainda o esqueleto da sociedade europeia, mesmo caminhando progressivamente para a modernidade. Nessa dinâmica, a educação não age na contramão, mas renova-se a ideologia. Essa afirmação denuncia um descompromisso com a história da educação, haja vista de que ela caminha congruente à gênese da sociedade enquanto tal e, ao mesmo tempo, tende a alertar o docente de uma atitude que desonere o papel da era medieval enquanto fonte formativa para o cotidiano educacional.

5. MOTIVOS PEDAGÓGICOS ENTRE BOÉCIO E O ENSINO DE FILOSOFIA

Vê-se que Anício Mânlio Torquato Severino Boécio marca a passagem entre a Idade Antiga e a Idade Média. Concluiu-se que, devido ao contexto de vida e o seu caimento pelos estudos, ele acabou acumulando as instruções que pode receber desde os grandes mestres

pagãos aos nascentes sábios cristãos de sua época, formatando um homem atemporal. A sua proposta teórica, em choque com a novidade escolástica, representa significativamente o progresso da educação medieval, com vistas para o ensino da filosofia.

Ao passo em que se concebe o patronato da educação ao pensamento boeciano, reconhece-se também as suas obras e o que elas influenciaram na construção sistemática do saber e no desenvolvimento das capacidades docentes, recentemente surgidas e que haveriam de tomar parte nos consagrados espaços intelectuais do medievo: catedrais, mosteiros e universidades. Mesmo diante do fenômeno de adesão ao sagrado, liderado pela Igreja Católica, nosso teórico não deixou de estabelecer laços que pudessem unir a razão que desde antes já permeava a atividade helênica, junto a novidade da fé cristianizada.

A atividade filosófica actual prolonga uma tradição cuja própria memória já é uma parte importante do âmbito da sua reflexão. Seria não simplesmente pretensioso, mas sobretudo ridículo e ineficaz tentar filosofar sobre qualquer tema, esquecendo ou desdenhando a constância do já pensado sobre ele ou do pensado que pode relacionar-se com ele [...]. A recordação dos filósofos é o que hoje nos legitima para filosofar (SAVATER, 2000, p. 29-30).

Essa preocupação em agregar duas dimensões na premissa de aprimorar a educação dos homens, a fim de personalizar a atividade pensante, logo o conduziu a arte de escrever, comentar e redigir traduções dos célebres textos da antiguidade grega, evidenciando o irrevogável interesse pela educação na obtenção do conhecimento. No auge desse magistral projeto, Boécio fora surpreendido pelos distorcidos desígnios das instituições do império ao que servia, o Romano. Por isso, apesar de interrompida a execução do empreendimento que lançara, o primeiro dentre os escolásticos deixou uma prestigiada obra: *A Consolação da Filosofia*. Através desse testemunho, é possível interpretar as várias noções usadas aqui na tentativa de sustentar o objeto do estudo em voga.

O que Boécio nos ensina, com tanta autoridade hoje como no século VI, é que a única cultura fértil, oral ou escrita, é a que trazemos intimamente em nós, são os textos clássicos inesgotáveis inseminados na memória e cujas palavras tornam-se fontes vivas [...] (FUMAROLI, 1998, p. XXIII)

Frisando que a filosofia, segundo Cotrim (1988, p. 19), dispõe de um grandioso dever a ser desempenhado nas escolas, ou seja: desenvolver no estudante o senso crítico, que implica a superação das concepções ingênuas e superficiais sobre os homens, a sociedade e a natureza, concepções estas forjadas pela “ideologia” social dominante. Neste sentido, acham-se com Boécio as primeiras impressões desse

ideal, considerando o apelo que ele faz para uma educação a serviço da sociedade, onde aquele indivíduo não concentra, mas dar à luz o conhecimento hospedado em si. O desejo de Boécio, ante o plano de ensino que desenvolveu, não era puramente criar cursos ou diretrizes que regulassem o trabalho dos ditos educadores de sua época, mas o de conferir concretude a defasada maneira dogmática de pensar.

CONCLUSÃO

Ademais, postula-se que a prática docente no campo da filosofia possa ser sempre aperfeiçoada, porém sem perder o pilar da tradição que a prolonga. Fazer memória, exaltar o espólio deixado pelos grandes amantes da sabedoria, a começar por Boécio, a quem viu-se neste artigo, já configura em si uma característica pedagógica. Tornar-se-ia vaidade se houvesse um proposital esquecimento daqueles que já pensaram e hoje são luzes no intento de filosofar. É justamente o testemunho dos filósofos, dignos depositários do saber que está em incessante atualização, que nos justifica a também filosofar.

Portanto, a prática pedagógica com enfoque na filosofia, continua importante no processo de aprendizagem, principalmente quando são resgatadas as propostas que foram cruciais no desenvolvimento de tal ofício. Boécio, antes de tudo, representa o esforço da sociedade moderna em criar e organizar um sistema

educacional que esteja envolto de um logicismo, mas que também venha a favorecer o lado crítico do indivíduo. Além disso, o testemunho de Boécio provoca uma conscientização religiosa, incorporada no discurso de que a busca da felicidade tem seu fim no absoluto, em Deus. O pensamento boeciano é, no fim de contas, é genérico.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lucia de Arruda. *História da educação e da pedagogia: geral e Brasil*. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2006.

BOÉCIO, Severino. *A Consolação da Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1998

BOEHNER, Philotheus; GISLSON, Etienne. *História da filosofia cristã, das origens até Nicolau de Cusa*. Petrópolis: Editora Vozes, 1970.

CAMBI, Franco. *História da pedagogia*. São Paulo: Fundação Editora da UNEP, 1999.

COTRIM, G. *Fundamentos da filosofia para uma geração consciente*. 3 ed. São Paulo: Saraiva, 1988.

DURKHEIM, Émile. *A evolução pedagógica*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

FRANCO, Hilário Junior. *A Idade Média: nascimento do Ocidente*. São Paulo: Brasiliense, 2004.



LIBÂNEO, J.C. *Diretrizes curriculares da pedagogia: imprecisões teóricas e concepção estreita da formação profissional de educadores*. Campinas: 2006.

NASCIMENTO, Marlo. *Boécio e a Consolação da Filosofia: Considerações acerca da Virtude*, 2016. Disponível em: . Acesso em: 10 de março de 2021.

SAVATER, F. *O meu dicionário filosófico*. Lisboa: Dom Quixote, 2000.